



Movimentos da contemporaneidade: a rua, as redes e seus desencontros

Movements of contemporary: the street, the networks and its dis-agreement

Cristiane Dias*

Marcos Aurélio Barbai**

Greciely Cristina da Costa***

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre as formas de organização social contemporânea que acontecem, em nosso tempo, por meio da conectividade. Para isso, buscamos compreender como tem se produzido as relações sociais marcadas por um laço entre a rua e a rede, analisando as manifestações e protestos sociais no Brasil no ano 2013, o encontro de jovens, *em shopping centers*, denominado “rolezinhos” e a criminalização de alguns movimentos sociais, com a figura dos *black blocs*. Estes três movimentos de análise apontam para uma transformação das nossas condições de sociabilidade e política sustentadas por um laço entre o sujeito, a cidade e a rede.

Palavras-chave: mobilidade, manifestação, conectividade, criminalização, laços sociais.

Abstract

The aim of this article is to reflect on contemporary forms of social organization that happen, in our time, through connectivity. For this, we search to understand how it has produced social relations marked by a bond between the street and the network, analyzing the social protests and demonstrations in Brazil in 2013, the youth meeting at malls, called "rolezinhos" and the criminalization of some social movements, with a figure of black blocs. These three movements of analysis point to a transformation of our sociability and political conditions sustained by a bond between the subject, the city and the network.

Keywords: mobility, demonstration, connectivity, criminalization, social bond.

*Pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos – Nudetri da Unicamp. E-mail: crisdias.unicamp@gmail.com Endereço: Labeurb – Laboratório de Estudos Urbanos Unicamp/Cocen / Nudetri Caixa Postal 6166 Campinas/SP – Brasil. CEP: 13083-892

**Pesquisador do Laboratório de Estudos Urbanos/Nudetri da Unicamp. E-mail: barbai@unicamp.br Endereço: Labeurb – Laboratório de Estudos Urbanos Unicamp/Cocen/Nudetri Caixa Postal 6166 Campinas/SP – Brasil. CEP: 13083-892

*** Professora do PPGCL da Univás. E-mail: greciely@gmail.com Endereço: Rua Irmãos Bierrembach, n. 14 Apto. 73 Cep 13024-150 Campinas SP

Esse artigo apresenta três lugares de análise que se tocam e se distanciam ao mesmo tempo, tendo como ponto de partida os des-encontros do sujeito, no espaço e em conexão. Movimentos da contemporaneidade no espaço urbano que dão vazão a um processo discursivo em constante deslize, num ritual com falhas.

À **rua!** Expressão convocatória que pode deslizar para: **para a** rua (vá/vem para; dê a ela), **na** rua (acontece nela, esteja nela), **a** rua (lugar determinado), **de** rua (próprio dela). Deslizamentos possíveis da expressão que reclama sentidos para aquele que está entre o espaço privado e o espaço público, está no caminho, no urbano, no ir e vir; se apresentando imaginariamente como um espaço de/para todos, indistintamente.

Espaço de mobilidade e de conexão, pois “a conectividade é o que define a mobilidade contemporânea” (DIAS, 2014, p. 12), produzindo laços sociais a partir de processos de identificação, que resultam no encontro metafórico entre a rua e a rede, expandindo as fronteiras que delimitam as relações entre sujeitos.

Diferentes manifestações são um flagrante disso. O ano de 2011 talvez seja lembrado na história como um ano em que “uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protesto” (HARVEY et. al., 2012, p. 07) marcou distintas sociedades (Cairo, Londres, Nova York, Madri, Tunísia, Líbia, entre outras.). Embora distintas, com reivindicações distintas, algo em comum marcou essas manifestações: a forma de organização por meio da conectividade.

No Brasil, a nossa sociedade tem vivido um momento muito particular no que se refere às manifestações que se organizam na rede e que se conectam a outros espaços, metaforizando-se. Assim, nosso movimento de reflexão, toma as formas das manifestações brasileiras a partir de 2013, buscando compreender o modo de organização dessas manifestações e protestos.

Num primeiro movimento de análise, observamos a organização dos protestos que ocorreram no Brasil em junho de 2013, a partir de uma pauta específica, proposta pelo MPL - Movimento Passe Livre, um movimento social fundado em 2005, numa plenária do Fórum Social Mundial¹. Essa pauta específica referia-se ao primeiro grande ato contra o aumento de 20 centavos na tarifa de transporte público em São Paulo.

Em face dessas condições de produção, procuramos compreender o quanto a mobilidade definida pela conectividade tem implicações importantes para o sentido dos movimentos sociais e urbanos, por um processo de deriva do sentido constituído numa

¹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Passe_Livre

memória discursiva de organização sindical, estudantil, panfletária, para um modo de organização em rede, viral, midiático², inscrito numa memória metálica. Nessa deriva jogam os sentidos dos modos de organização política da sociedade. Uma sociedade conectada, *online*, onde os movimentos sociais estão/são (des)centralizados (ao menos no que diz respeito ao seu modo de organização) e funcionam por compartilhamento da informação por meio de mensagens. Seja por SMS ou pelas redes sociais ou, ainda, pelas *hashtags*.

Também pensando na dinâmica social de hoje, nosso segundo movimento de análise, consiste em pensar nos jovens que têm se servido da tecnologia para construir suas relações pessoais, afetivas e de grupo.

Os jovens em nosso tempo-espaço que é urbano, que é a cidade, têm engendrado, através da cena da conexão e da mobilidade tecnológica, relações inéditas que nos desafiam a pensar as relações do corpo do sujeito no espaço para além da aderência do cotidiano, assim como das condições postas pelo jurídico, do “sujeito histórico governado pelo Estado”, tal qual salienta Orlandi (2010, p. 12). Desse modo, tomamos como objeto de estudo o acontecimento dos rolezinhos, um encontro de jovens sugerido nas redes sociais, direcionado a um espaço da cidade: o *Shopping Center*.

Observamos, num terceiro movimento de análise, o funcionamento de discursos que criminalizam os *black blocs*, explicitando de que maneira se dá a articulação da rede com rua na organização/dispersão de um movimento político, marcado pelo equívoco entre aquilo que é da ordem de um direito de manifestar-se em face da interdição desse direito. Tem-se aí a produção de efeitos de sentido que desestabilizam a própria condição da manifestação ideologicamente constituída.

Nomeados *black blocs* pela polícia alemã, no Brasil, sua definição equívoca se sustenta na impossibilidade de identificá-los e na necessidade histórica e jurídica de rotulá-los vândalos e assim criminalizá-los a partir de uma existência material, uma vez que o anonimato e a dispersão são a base da ausência de sua institucionalização.

Com base nesses três movimentos de análise, nos interrogamos sobre como têm se dado as relações sociais, tendo a conectividade como forma de organização e de manifestação: organiza-se na rede para a rede, organiza-se na rede para o shopping, organiza-se na rede para a rua, organiza-se da rua para a rede. Encontros e desencontros.

² Dizer midiático não significa que é com o apoio da mídia, mas sim, tendo as mídias sociais como base da circulação da informação.

Libere o seu *wi-fi* e ajude nas manifestações

Em maio de 1968 milhares de estudantes e trabalhadores tomaram as ruas de Paris, num dos maiores movimentos sociais do século XX. O motivo era a busca por mudanças na forma de governo capitalista burguês.

Alguns meses à frente, em junho do mesmo ano, estudantes contrários à ditadura instalada no Brasil, tomavam as ruas do Rio de Janeiro, na chamada Passeata dos Cem Mil. Não foram as mesmas razões que levaram os manifestantes da França e do Brasil à rua, já que o momento histórico brasileiro e francês eram distintos, apesar da proximidade no tempo, mas em comum pode-se apontar, certamente, uma crise.

Nos Estados Unidos, na mesma época e nos anos que se seguiram, a oposição à guerra do Vietnã também levou milhares de alunos às ruas em protesto.

São momentos históricos distintos, distintas sociedades e consequências políticas distintas no pós-maio de 68 francês, na instauração de uma ditadura militar brasileira (que durou 20 anos), na guerra do Vietnã... entre outros movimentos políticos ocorridos mundo afora, mais ou menos na mesma época. Como afirma Braga (2008³, ano 11) “Já se tornou um lugar-comum dizer que 1968 ficou marcado na memória coletiva de muitos povos como um instante de profundas transformações sociais”.

Da mesma forma, talvez o ano de 2011 também fique marcado na memória discursiva, pelos acontecimentos reivindicatórios das manifestações que ocorreram em diferentes países, tendo a conectividade como forma de organização.

Diferentemente da forma de organização da luta em 1968, em 2011, esta não se deu por meio do panfleto ou do jornal local, ou dos catazes ou da organização mobilizada pelos grupos estudantis saídos do seio das universidades (DCE, UNE), dos sindicatos dos trabalhadores ou dos partidos de esquerda. A forma de organização dos movimentos que ocorreram em diferentes regiões do mundo teve como meio de disseminação, circulação e organização, a internet, o que permitiu a esses movimentos, difundidos por um “boca a boca eletrônico” (CARNEIRO, 2012) uma organização rápida e em larga escala.

Nessa perspectiva, pensar as mobilizações sociais tendo a conectividade como sua forma de organização é o nosso objetivo aqui.

³ Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/a-rebeliao-estudantil-para-alem-do-espetaculo/>. Acessado em 31/10/2014.

Para Carneiro (2012, p. 8),

em todos os países houve uma mesma forma de ação: ocupações de praças, uso de redes de comunicação alternativas e articulações políticas que recusavam o espaço institucional tradicional. Países como a China sentiram o risco e censuraram a simples menção na internet à praça Tahrir, palco dos protestos egípcios.

Porém, apesar de ter havido uma forma de ação semelhante nas manifestações de diferentes países, pelo uso das redes de comunicação alternativas, nem sempre esse uso é garantia de uma recusa do espaço conservador da mídia.

No Brasil, as manifestações que ocorreram em junho de 2013, seguiram na mesma onda do que ocorreu na Espanha (Movimento 15M), Mundo Árabe (Primavera Árabe), Estados Unidos (OWS), entre outros movimentos mundo afora.

Uma diferença importante é que a organização da mobilização popular brasileira, em relação às outras, ocorreu a partir de uma pauta muito específica, proposta pelo MPL, como dissemos anteriormente.

Foi a partir desse gesto organizador que milhares de pessoas foram às ruas no início do mês de junho, motivados inicialmente pelo protesto contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo. Essa mobilização se acirrou pela grande violência policial sobre os manifestantes, e, com isso, o protesto passou a agregar a sua pauta, também, a violência policial. Não demorou muito para que, na medida em que a pauta de reivindicações aumentava, aumentasse também a onda de manifestantes e de grupos sociais distintos, que já não necessariamente se identificavam com o MPL, mas com reivindicações de outra ordem, como a corrupção na política, a PEC/37, a Copa do Mundo, entre tantas outras.

Segundo matéria do Portal Fórum⁴ a respeito do seminário “Tecnologia e Poder”, Marilena Chauí, referindo-se às manifestações de junho de 2013, no Brasil, afirmou que apesar de toda a celebração em torno dos atos, também existe um caráter conservador e de espetáculo nas jornadas de luta de 2013.

na partida, era a redução das tarifas; na chegada, era a política, no entanto, essas manifestações não criticaram as instituições, aderiram à pauta da mídia conservadora de que os partidos políticos são corruptos por excelência. Ao invés de propor uma nova democracia, aderiram à ideia do ‘sem intermediário’, ou seja, ditadura (CHAUÍ, 2014).

⁴ <http://www.revistaforum.com.br/blog/2014/03/download-de-nossas-mentes-chau/>

O rumo das manifestações e essa dispersão que caracterizou seu desfecho não é tema central dessa reflexão. Mas é importante apontarmos essa dispersão como um dos efeitos produzidos pela forma de organização do protesto por meio da conectividade, e cuja constituição do sentido se dá a partir da inscrição numa memória metálica, definida por Orlandi (2004), como sendo a memória da “quantidade e não historicidade”. Ou seja, essa organização se dá pela expansão horizontal de enunciados, como #vemprarua ou #naoépor20centavos #mudabrasil etc. Para Orlandi (2004) é um dizer que produz efeitos “como se fosse uma memória vertical”. No entanto, é um dizer presentificado.

Nessa inscrição, jogam os sentidos de uma sociedade conectada, *online*, em que a circulação e o compartilhamento da informação se sobressaem ao modo de organização social constituído historicamente.

No entanto, justamente, por se organizar em rede, de forma descentralizada e dispersa, os movimentos da contemporaneidade são facilmente desmantelados e produzem efeitos pontuais, “efeitos de memória”. Não encontram um espaço de legitimidade para suas reivindicações, de escuta, uma vez que são esvaziados e esquecidos no jogo algorítmico da rede.

O que há, em nosso entender, é um desencontro entre uma forma de organização dos movimentos sociais (e do Estado como efeito-leitor), inscrita numa memória do interdiscurso que é a dos movimentos sociais institucionalizados (sindicatos, movimentos estudantis, partidos políticos) e uma forma de organização desses movimentos que se inscreve numa memória metálica, como se fosse do interdiscurso, dando margem para incompreensões e equívocos tanto da parte dos manifestantes quanto da parte do Estado. Numa democracia, abolir as instituições sem um projeto político outro em seu lugar é cair facilmente numa ditadura.

Se por um lado, nos anos 60, o modo de simbolização do político se dava por dizeres como “É proibido proibir!”, “Faça amor não faça guerra” (cf. ORLANDI, 1999, p. 62), por outro lado, nos movimentos contemporâneos, essa simbolização se dá por formulações como: #vemprarua, #naoépor20centavoséordireitos etc., inscrevendo o sentido em outra discursividade, em outra memória do dizer: a metálica. No caso dessas formulações, a inscrição do dizer nessa memória metálica se dá pela *hashtag*.

Conforme Dias e Coelho (2014, p. 236), as *hashtags* são um convite aos sujeitos não só à informação, mas também à colaboração (no sentido da rede, de colaboratividade) com a causa da rua. Essas *hashtags* são uma repetição horizontal, uma re-atualização constante do sentido, presentificando a história no imediatismo da

circulação, do “tempo real”. A *hashtag* tem o sentido da quantidade, sendo, portanto, inscrita na memória metálica, para significar. Ainda para os autores:

é essa possibilidade de replicação que rege a produção da memória na rede. Assim, a re-produção de sentidos dos sujeitos que foram para a rua protestar não se limitou a passeata em si, ou mesmo a correntes oriundas da mesma, mas, pelo funcionamento da *hashtag*, esses sentidos produziram efeitos também naqueles que não foram às ruas, mas se “manifestaram” pelas redes sociais, pela forma de postagens, compartilhamentos, etc.” (DIAS; COELHO, p. 237)



www.twitter.com

Esse modo de organização *online*, portanto, é o que está aqui em análise a partir de uma compreensão de que muito mais do que isso, na deriva dos sentidos da memória discursiva da organização dos movimentos sociais, o que temos é um modo de disseminação e/ou compartilhamento dos sentidos, que se estruturam numa velocidade e numa espacialização por conectividade, de maneira que reunir milhares de pessoas com diferentes reivindicações, crenças, posições políticas, não é tarefa tão difícil e nem demanda muito tempo.

A configuração do espaço pela conectividade vai determinando a abrangência da manifestação e, com isso, sua eficácia quantitativa. É nesse sentido que dizemos que é por inscrição a uma memória metálica que os sentidos da manifestação se produzem “nas circunstâncias que se esgotam em si mesmas e imobilizam [o sujeito] na falta de uma filiação” (ORLANDI, 2012, p. 18), diferentemente da formação discursiva dos movimentos sociais dos anos 70/80, cujo núcleo organizacional se dava através de uma identificação/filiação à luta dos trabalhadores, ao movimento estudantil e/ou aos partidos políticos.

Essas mobilizações estavam ligadas, em sua formulação, circulação e constituição, a uma “ideologia política”, enquanto que as mobilizações que se organizaram em junho de 2013, no Brasil, estavam ligadas, nessas mesmas instâncias do processo de produção do discurso, à “comunicação” ou a “ideologia da comunicação”.



www.twitter.com

Nesse sentido, dizer: “libere seu *wi-fi* e ajude nas manifestações” é uma formulação que produz seu sentido a partir de uma filiação à memória das redes de comunicação sem fio (*wi-fi*). É a conectividade, como gesto disseminador da informação e, também, como possibilidade da espacialização das manifestações que torna possível a própria manifestação, nessas condições de produção de um modo de circulação digital.



www.twitter.com

Essas redes de comunicação visam, sobretudo, a repetição: “sinalize o que está acontecendo com #protestosp + foto, texto, vídeo...”, numa disseminação horizontal da manifestação. Para Orlandi (2004), ao contrário da memória discursiva, que é vertical,

histórica, a memória metálica é horizontal e reduz o saber discursivo a um pacote de informações. A memória metálica é uma “simulação da memória discursiva”. É uma memória da repetição do mesmo, da produtividade. Segundo a autora, “sempre pode haver deslizos de sentido, mas a estratégia é de ficar mais ou menos nesse mesmo” (p. 49).

Vejamos o “mapa colaborativo dos protestos” a ser construído por uma espacialização por conectividade e informação.

#protestosbr

2013-06-16
32 comments

Mapa colaborativo dos Protestos BR

Mapa colaborativo p/ dar mais segurança às pessoas n'A Revolta do Vinagre, os protestos brasileiros iniciados contra o aumento das tarifas de transporte público, mas que passaram a significar muito mais.

Você pode enviar relatos usando seu computador ou smartphone (iOS e Android), nos ajude colocando os locais de ação policial, postos de ajuda médica e outras informações úteis.

Recomendações, porque protesto não é bagunça

1. Por favor só adicione informações úteis para os manifestantes que estão nas ruas, evite fazer testes.
2. Use a TV, seus helicópteros e imagens ao vivo como fonte de informações, observe as imagens ao vivo dos canais de notícias e marque no mapa onde estão os pontos de maior conflito e presença de tropas violentas.
3. Use também relatos de manifestantes em redes sociais como fonte de informação, na rua nós vamos contar no Twitter onde estão os conflitos, adicione o marcador no mapa assim que receber algo relevante dos protestantes que estão nas ruas.
4. A qualidade da informação do mapa é essencial para a segurança e eficiência dos protestos. **Seu sofativismo é muito importante.**
5. O mapa pode ser usado para os protestos em todo o país, não é apenas para São Paulo ou Rio de Janeiro.
6. Você pode **instalar o aplicativo no seu smartphone** para ver o mapa colaborar em tempo real enquanto está na rua.

Como editar o mapa colaborativo usando um computador:

1. Abra o link <http://protestosbr.marcogomes.com/>
2. Clique no botão verde "Enviar Relato" na barra que fica na parte superior direita da tela
3. Preencha os campos com seu relato de informação útil aos manifestantes que estão nas ruas, por favor seja claro e preciso, nossa segurança depende de você

Clique [aqui](#) para saber como usar o Mapa Colaborativo com um smartphone.

<http://protestosbr.tumblr.com/post/53142143778/mapa-colaborativo-dos-protestos-br>

Há uma questão nessa proposta de construção de um mapa dos protestos que é a do “tempo real”, o tempo da conectividade como aquele que torna possível uma espacialização cartográfica dos protestos e, com ela, a segurança, por localização, dos manifestantes e a “eficiência dos protestos”. Esse sentido também aparece nas postagens anteriores, pelo “ao vivo”, e, também, como podemos ver na postagem a seguir:



www.twitter.com

Esse sentido é fortemente inscrito numa memória metálica. Para Orlandi (2012, p. 16), o tempo real está ligado ao “presentismo”. “É o tempo do capitalismo, da imediatez, efeito ideológico que ao mesmo tempo constrói um sujeito livre e responsável e o significa pela irresponsabilidade”. O sentido de vandalismo atribuído aos manifestantes vem atestar esse efeito ideológico que criminaliza e enquadra o sujeito na instituição jurídica do Estado. Por um lado, a liberdade de manifestação, tanto na rua, quanto na rede internet, por outro lado, a irresponsabilidade e criminalização do sujeito por essa mesma manifestação.

É o tempo congelado do capitalismo, “balançando ao sabor das circunstâncias. Funcionando no regime da *impressão da liberdade*”, como alerta Orlandi (2012, p. 18).

Nesses des-encontros, o sujeito segue em sua busca, procurando brechas, “continua se debatendo com o real” numa sociedade da tecnologia e da informação, que se materializa em redes.

Vamos dar um rolezinho

Uma marca desse tempo, o da sociedade da tecnologia e da informação, que se materializa em redes, diz respeito às expressões e práticas da facilidade da comunicação, sobretudo nas condições de produção das redes sociais e da tecnologia móvel: vivendo o mundo em expansão e hibridamente, ou seja, no “real” e no “virtual”, ao mesmo tempo, reinventa-se o laço social, no espaço. Isso se dá, porque a rede é significada como um lugar para os encontros que acabam desafiando a lógica dos corpos seriados e ordenados no espaço. Frente à aderência do espaço experimentamos instantes de vida fluida na cidade.

A nossa sociedade atual tem vivido um momento muito particular de incessante conversação mediada pela tecnologia. Dos computadores pessoais aos *smartphones* construímos os nossos laços com o outro, produzindo uma intersecção crescente entre o mundo virtual e o mundo físico. Todo esse processo é parte da constituição dos modos de identificação individual e também de grupo dos sujeitos. As TICs (e incluimos aqui a

tecnologia móvel) nos tem feito viver, como dizem Mizuko e Daisuke (2004, p. 162), um “encontro ampliado”, já que abrimos, quando conectados e interligados, as fronteiras do encontro físico. Esse nosso tempo é aquele de movimentos e de desordem no tecido social. O espaço social é elástico, resistente e resiliente, efeito esse da aderência. Mas hoje o queremos fluído.

Assim, para apresentar esse movimento pensando-se nos jovens, no corpo capital da cidade, propomos como lugar de observação, pensando na forma de organização de encontros por meio da conectividade, as reportagens da imprensa brasileira para comunicar e informar esse acontecimento inédito na cidade, denominado rolezinho. O arquivo com que trabalhamos nos permite articular uma problemática importante, isto é, a relação entre a linguagem, leitura e acontecimento, já que algo da ordem do “agora”, do “atual” se impõe com força no mundo, demandando interpretação. Partimos da ideia de que a informação, ou seja, um X que diz sobre Y, não é nunca uma montagem transparente.

A questão da montagem da cena é, no arquivo, fundamental. Isso se dá porque vamos analisar um recorte do Editorial de Arte, da *Folha de São Paulo*, publicado em 15/01/2014, cuja reportagem circulou com o título: ‘*Rolezinho*’ surgiram com jovens da periferia e seus fãs, de autoria de Ana Kepp.

Ao trabalharmos com a circulação do acontecimento rolezinho, considerando que há um laço entre o sujeito, a cidade, a tecnologia e o sentido, duas premissas nos movem: escutar como dizemos, enquanto sociedade brasileira, a juventude nesse tempo da comunicação; pensar a cidade como uma cena fluida, ou seja, lugar de uma indistinção entre o numérico e físico. Para isso, trabalharemos com a arte “Bonde do Rolê” – Encontro de jovens em shoppings provoca polêmica. Eis a arte⁵, que para fins da análise será segmentada em três recortes.

Entretanto, antes de entrar diretamente na materialidade e na sintaxe da imagem gostaríamos de falar um pouco da relação entre a narratividade da informação, a imagem e o acontecimento. Partimos da ideia de que a narrativa da informação é um movimento na linguagem para administrar semanticamente um acontecimento: um tempo sem presente, instaurando uma temporalidade que ignora qualquer casuística. O

⁵<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1397831-rolezinhos-surgiram-com-jovens-da-periferia-e-seus-fas.shtml>. Acesso em outubro de 2014.

acontecimento, é preciso dizer, não é um fato, pois há algo da relação entre o atual e a memória que não se mede jamais em seu funcionamento (cf. Barbai, 2013, p. 198).

O acontecimento e a memória perturbam o tempo. Não se trata, em nossa ótica, de um desarranjo, de movimentos que podem ser medidos ou de avatares que podem ser escondidos. Um evento rompe com a temporalidade do presente, do passado e do futuro – esse imaginário da cronologia. O que se tem aqui é que o acontecimento produz o equívoco do tempo. Há no gesto e na criação de um evento *online* que convida jovens para se reunir em Shopping Center da cidade de São Paulo, uma atualidade divergente que fura todo e qualquer efeito de uma série temporal. Nesse sentido, esse primeiro recorte que se segue, tem um funcionamento específico: ele nos empurra ao nome, ao dado, como se o acontecimento tivesse uma anterioridade e referência. Vejamos, então, como o recorte de arte, procura definir o sentido de rolezinho.

BONDE DO ROLÊ
Encontros de jovens em shoppings provoca polêmica

O QUE É UM “ROLEZINHO”?
Combinado pelas redes sociais, é um encontro de jovens em shoppings para:

<p>Segundo participantes “Zoar, dar uns beijos, rolar umas paqueras, pegar geral e se divertir”</p>	<p>Segundo a polícia e lojistas Tumultuar os centros de compras e promover roubos e furtos</p>
--	---

ONDE JÁ ROLARAM

- 7.dez.2013**
> Shopping Itaquera
- 14.dez**
> Shopping Internacional de Guarulhos
- 21.dez**
> Shopping Campo Limpo
- 22.dez**
> Shopping Interlagos
- 4.jan.2014**
> Shopping Metrô Tucuruvi
- 11.jan**
> Shopping Metrô Itaquera

Esse recorte é muito importante, porque enquanto arte há todo um texto que procura delimitar, clarear e elucidar o conteúdo de um evento, no corpo da cidade, buscando regularizar um acontecimento. Nesse sentido, a força material da palavra é uma cena a ser vista e lida. No primeiro quadro, já temos um jogo do legível em relação ao próprio legível: o rolezinho é definido no discurso jornalístico através de duas vozes: a dos jovens e das instituições, ou seja, a polícia e os lojistas.

No discurso jornalístico tem-se todo jogo de produzir, como já apontou Mariani (1998, p. 145), “os consensos em torno do que seria a verdade de um evento”. Desse modo, o rolezinho é da ordem da articulação de duas forças: (a rede social) e (um encontro de jovens no shopping) para, segundo a reportagem, atingir duas finalidades: (zoar, beijar, paquerar e se divertir) e (tumultuar centros de compras através do roubo e furto). O interessante aqui é a neutralidade, a transparência e a ilusão referencial da

definição, isto é, há três elementos semânticos (os jovens, os lojistas e os policiais) cada um marcado no espaço social, com sinais e atributos que lhe são constitutivos, na sociedade capitalista: a juventude (da periferia) como da ordem daqueles que não tem essência, cuja a natureza é o desinteresse, a transgressão, a festa; os lojistas que veem nos jovens uma massa desprovida do capital (porque não estão inseridos no mercado de trabalho e, portanto, não são consumidores com renda) e a polícia que deve se ocupar da segurança da propriedade privada e do espaço público, combatendo os criminosos.

Uma vez no shopping somos todos individuados como consumidores. Mas a presença dos jovens no Shopping Center, em resposta a um convite da rede social produz aí um equívoco: uma desestabilização do espaço e de sua finalidade. Essa massa de jovens que combina de se encontrar no shopping torna-se um problema a ser administrado.

O rolezinho dos jovens da periferia é um movimento espontâneo e fluído que procura significar o Shopping Center como um lugar público, tal qual a rua, em que todos possam circular. A escolha do Shopping Center não é aleatória: ele é um espaço da economia de mercado e de consumo, cujos produtos todos querem atingir. A juventude da periferia, ao se apropriar de um espaço que lhe é negado no dia-a-dia, desafia a lógica da aderência ao espaço, em que cada um teria seu lugar. Porém, uma vez ali o laço social é reduzido a um imaginário social que constrói e sustenta um estereótipo de juventude, que acaba sendo reduzida a um grupo criminoso. É isso que dá a ver, por exemplo, o segundo recorte:



Robson Ventura - 14. dez. 2013/Folhapress
Seguranças abordam jovens no shopping Internacional de Guarulhos



Bruno Poletti - 11. jan. 2014/Folhapress
Policial com cassetete ameaça jovem após "rolezinho" no shopping Metrô Itaquera

PRÓXIMOS "ROLÊS" NA GRANDE SÃO PAULO*

- 18. jan**
> Shopping JK Iguatemi
> Shopping Metrô Tatuapé
> Shopping Center Norte
- 24. jan**
> Suzano Shopping
- 26. jan**
> Shopping Bonsucesso
- 10. fev**
> Shopping Aricanduva
> Mauá Plaza Shopping
- 5. fev**
> Shopping Taboão
- 8. fev**
> Shopping Aricanduva
- 15. fev**
> Shopping Penha

Esses dois registros recortam a memória de um modo muito particular: nós somos acostumados a ver a polícia averiguar jovens que estão impedidos simbolicamente e financeiramente de entrar em um Shopping Center. Há uma fronteira que delimita e determina quem pode ou não ali entrar. Há um código de conduta e de vestimenta para ali estar. Os jovens, ao proporem um encontro no shopping, via rede social (há a ilusão, força e injunção de que todos podem aludir ao convite) desafiam a ordem que homogeneiza os espaços e os arranjos da organização urbana. Essas duas imagens são um flagrante da força no espaço: a segurança como uma tecnologia de gerenciamento e jurisdição humana. A dimensão da existência social da juventude, a sua proteção, o direito ao lazer está, ali, completamente apagada e denegada. O que se tem são objetos humanos legislados.

O que deveria ser um passeio no Shopping Center, única forma de lazer de toda uma região da cidade de São Paulo, sobretudo para os jovens, toma o contorno de ameaças ao bem privado.

Nesse nosso tempo, nós temos enquanto sociedade nos tornado *expert* em desvalorizar a imagem das pessoas - e não estamos falando aqui no *selfie* (o mote atual da rede que consiste em publicar a imagem de si) de que jocosamente rimos. De fato, temos uma ferramenta histórica de humor: a caricatura, isto é, um desenho de uma personagem da vida real, cujo objetivo é apresentar a pessoa em perspectiva cômica, irônica satirizando seus hábitos e costumes. Assim, apresentamos no recorte que se segue a caricatura do jovem praticante do rolezinho – e, não menos importante para o processo de significação, morador das áreas periféricas dos grandes centros urbanos. Vejamos:



Nos chama a atenção, nesse desenho gráfico, em primeiro lugar, a expressão entre aspas “Estilo Rolezinho”. Aqui, a vestimenta tem um papel determinante na identificação do grupo. A roupa imprime uma digital ao corpo. Além disso, temos o caráter material da palavra, em que “Estilo Rolezinho” é absolutamente dissonante. Joga aqui a ironia (a língua jogando consigo mesma) como marca que articula e produz, ao mesmo tempo, a construção e a destruição de um sentido. De fato, o jovem da periferia tem um estilo em que moda e aparência são componentes indistintos: por mais que ele se adorne com as grifes celebradas do capitalismo, que conferem status, luxo e evidência, há algo nesse estilo que fala “a mais”, dizendo o “a menos”.

Nesse desenho caricatural, com seus elementos dispostos e nomeados, funciona a todo tempo o não-dito. O imaginário preside com maestria os jogos significantes. Há um conjunto de diferenças que são ditas, mas não explicitadas como tal. Essa arte é um exemplar da leitura que é feita do jovem em nossa sociedade. Há um jovem cujo corpo é um objeto de investimento (grifes), porém parece haver um “a menos” em relação ao jovem da periferia que recusa o estilo exótico e romântico da vulnerabilidade social.

A sociedade deseja, em relação a esses jovens, que eles sejam trabalhadores e voluntários. No entanto, os jovens do “rolê” querem ser vistos e reconhecidos na apropriação dos símbolos mais altos de poder que são vendidos no espaço dos shoppings. Todavia, o sujeito da vulnerabilidade não cabe na lógica e na política das compras e acesso a bens de consumo. Se há lugar para os encontros e laços sociais a arte bem diz: sambódromo (lugar de música do morro) ou espaços públicos. É preciso lembrar que o shopping (o lugar da circulação livre das mercadorias e do dinheiro) não é a rua.

Quebro, logo existo

O espaço pode se metaforizar em outro? Se partirmos da premissa de que o shopping não é a rua, mas é espaço de mobilidade, podemos dizer que o espaço se metaforiza em outros. Há algo da rua no shopping que se mostra por uma memória da circulação, do lazer, do encontro, do consumo. No entanto, nessa metaforização, algo da rua é impedido de significar no shopping, por exemplo, as manifestações. Assim como algo da divisão do corpo social urbano ali não pode figurar: a periferia.

O shopping center, no caso do rolezinho, transfere e têm seus sentidos de mobilidade interditados nesse espaço, pois, como vimos, o shopping não é lugar de todos, nem todos podem ir e vir, há sujeitos – os jovens da periferia – que, em certas

condições, são impedidos de transitar por esse espaço. Na análise acima mostramos que há um discurso incessante que não para de ecoar que não se pode confundir o shopping com a rua. Mas, quem de fato "pode" transitar pela rua? Como podemos compreender a rua como lugar de manifestação, organizada pela conectividade da/na rede, em que a criminalização de movimentos sociais também se dá?

Quando a metáfora é a da rua enquanto espaço político, lugar indistintamente de todos, ao tomamos as manifestações de 2013, podemos observar o processo de estilização produzido por essa metáfora que aponta para o fato de que nem todos podem se manifestar. Ou ainda, de que é proibido manifestar-se. Chegamos, por meio de um processo de deslizamento de sentidos, ao fato de que a rua pode se tornar (se significar) um espaço cerceado. Um espaço de cerceamento da mobilidade, da liberdade, da livre expressão. Interditam-se os sujeitos e sentidos. Por outro lado, esse mesmo espaço, por ser político, permite o conflito, o protesto, se configurando como espaço de insurgência dos movimentos sociais. Efeito da divisão dos sentidos, das relações sociais hierarquizadas e de poder.

Acompanhando as discussões sobre a criminalização de alguns movimentos sociais durante as manifestações de 2013, nos ocorreu pensar de que modo o discurso da criminalização é formulado e circula na rede com a mesma velocidade com que se organizam as manifestações. Na busca por compreensão, passamos a observar de que maneira as discursividades de criminalização, especificamente, as que criminalizam o *black bloc*, são engendradas, cujo funcionamento nos parece jogar com a interdição da rua e a interdição do sujeito. Em paralelo, observamos o modo pelo qual esse discurso é desestabilizado pelo equívoco tomado como "o ponto onde o impossível (linguístico) vem se conjugar à contradição (histórica); o ponto onde a língua toca a história" (PÊCHEUX & GADET, 2004, p. 62), a começar por uma suposta origem do *black bloc*.

Dupuis-Déri (2004) afirma que a expressão *black blocs* foi inventada pela polícia de Berlim Ocidental para denominar os *squatters*⁶ que, em 1980, com capacetes, escudos, pedaços de pau e diversos projéteis, foram às ruas para defender o lugar onde moravam. Na descrição inicial do autor, uma outra característica se destaca, todos vestiam preto. O autor avança dizendo que os *black blocs* fazem parte de uma história política ligada ao movimento *Autonomen*, da Alemanha Ocidental, que seria um prolongamento do movimento italiano *Autonomia*. Composto pelos movimentos sociais

⁶ Termo usado para se referir a pessoas que ocupam habitações sem a permissão de seus proprietários.

de operários e jovens de esquerda, o movimento *Autonomia* defendia uma política participativa, sem líder ou representante, com base nos princípios de igualdade e liberdade para construção da autonomia individual. Lutavam contra a energia nuclear, a guerra e o racismo e se confrontavam, nas ruas, com grupos neofacistas racistas. Nesta descrição, que remete a uma ideia de origem dos *black blocs*, observamos que eles surgem ligados a um movimento político, cuja característica principal é a luta em defesa da igualdade e contra injustiças, mas, não figuram como um movimento político, não são ditos assim.

Num cenário mais recente, relata Dupuis-Déri (*idem*), os *black blocs* surgem no interior de um outro movimento político, o movimento altermundialista, que contesta a legitimidade de grandes instituições internacionais associadas à mundialização do capitalismo tais como a Organização Mundial do Comércio, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, o G8, a União Europeia, etc. Comparecem, segundo o autor, na Batalha de Seattle em 30 novembro de 1999, momento em que quebraram vitrines do McDonald's, da Nike, da Gap e de bancos. Mais uma vez o autor aponta para os *black blocs* como oponentes do capitalismo e suas instituições. No entanto, acrescenta uma forma de atuação que consiste na depredação de empresas, bancos, lojas consideradas representativas do sistema socioeconômico que contestam. Mais do que gritos anticapitalistas e antiautoritários, recorrem ao uso da força, acentua ainda o autor.

Participaram dos protestos contra a Cúpula das Américas em Quebec, em 2001, contra a cúpula do G8, em Annemasse e Genebra, no ano de 2003. Estão na América do Norte, no México, na Europa, na Turquia e no Brasil (DUPUIS-DÉRI, 2004). Em entrevista à Rede Atual Brasil⁷, o mesmo pesquisador define *black bloc* da seguinte maneira:

Black bloc é simplesmente uma tática, uma maneira de se organizar dentro de uma manifestação. Consiste em se vestir de preto para garantir um certo anonimato. Pelo que conheço, a maioria dos black blocs desfilam com calma nas manifestações. A simples presença deles forma, de certa maneira, uma bandeira preta, símbolo do anarquismo.

Aqui temos uma definição que associa o *black bloc* ao anarquismo. Associação essa que é reiterada e explicada pelo autor em "Penser l'action directe des Black Blocs" à medida que afirma ser o *black bloc* um epifênomeno de um movimento social antiautoritário mais amplo que remete a outros movimentos tais como os *sans-culottes*,

⁷ Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/10/black-blocs-sao-politizados-e-expressam-revolta-contrainjusticas-sociais-1922.html>

os socialistas utópicos, os niilistas, os soviéticos, os conselhos operários e anarquistas, os estudantes de 68, e os chamados novos movimentos sociais (feministas, ambientalistas, jovens etc.) que buscavam romper, anos 1960-1970, com o ativismo partidário ou sindical para empreender uma forma de organização horizontal, igualitária e consensual (*idem*, 2004, p.80). Isso em razão da luta pelo fim de todas as formas de autoridade, de hierarquia e de poder.

É interessante observar acima que *black bloc* não é definido como um grupo, como um partido, como uma organização política, mas como uma tática de manifestação, na qual o anonimato é primordial e a vestimenta preta permite que qualquer um se torne *black bloc* e ao mesmo se torne corpo de um movimento político não institucionalizado. O corpo do sujeito envolto ao traje preto garante o anonimato, ou seja, garante que aquele sujeito não seja identificado ao passo que abre espaço para a indistinção do sujeito que ali se reúne num jogo entre o visível e o invisível: um bloco negro. Enquanto a unidade de um corpo social se forma por meio do mesmo recurso, ganha visibilidade ainda que difusa: um bloco negro que se forma e se dissolve na e com a manifestação.

Nos movimentos contemporâneos, em que a rede tem um papel fundamental nas manifestações, já que é pela conectividade que elas são organizadas, os *black blocs* da mesma maneira aí estão, se constituindo na estrutura e funcionamento da rede, de modo informal, disperso, descentralizado, des-institucionalizado. Formam-se e se separam diante de uma demanda de protesto. Esse modo de organizar-se permite, por um lado, inicialmente, escapar da administração e do controle do Estado; por outro, a indefinição, a dispersão abre espaço para a definição que criminaliza, cujos sentidos interditam os sujeitos na rua, na manifestação, em seus gestos políticos. Os *black blocs* incomodam.

No Brasil⁸, passam a ser definidos, e assim criminalizados, sobretudo, pelo discurso da mídia, que ao narrativizar os atos de depredação de bancos e fachadas de grandes empresas e os gestos de confronto direto com policiais, produz enquanto efeito o esvaziando do sentido político da manifestação dos *black blocs*. A partir daí, a violência passa a ser atribuída a eles e uma denominação aparece para rotulá-los: vândalos. Eficaz em sua opacidade, essa denominação entra em cena num lugar deixado vazio pela indistinção, pela definição flutuante, pela ausência de ligação dos *black blocs*

⁸ Nas redes sociais encontramos páginas e grupos fechados com milhares de curtidas, seguidores e membros, tais Black Bloc Brasil, Black Bloc São Paulo, Black Bloc RJ, Black Bloc Fortaleza, Black Bloc Brasília, etc.

a uma instituição, a um partido, a um sindicato. Ao mesmo tempo essa denominação também é lugar de equívoco uma vez que passou a circular na rede com outros sentidos. Enquanto vândalos ou vandalismo aparece nas manchetes de grandes jornais condenando os *black blocs*, significando-os como criminosos; na rede (*facebook*, *blogs*, páginas, etc.) a mesma denominação circula significando vândalo como aquele que luta por direitos, por justiça, por igualdade, como é caso do texto "Somos todos vândalos"⁹.

A partir dessas condições de produção, trazemos para esse nosso terceiro e último movimento de análise, a charge abaixo¹⁰, observando sua constituição, "a partir da memória do dizer", sua formulação, considerando que é "na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)", e sua circulação, ou seja, por onde transitam e como se mostram os dizeres (ORLANDI, 2001: p. 9).



#Charge – Descartes, versão @BlackBlocBRASIL

A charge apresenta em sua formulação uma relação parafrástica com outra imagem, uma vez que convoca uma imagem, já-vista, já-significada, a da escultura de bronze, conhecida como "O Pensador", de Auguste Rodin. Na escultura, a postura, os traços e contornos dos músculos bem definidos, de um corpo nu, remetem a um homem forte, que sentado em uma rocha, com a cabeça baixa apoiada em sua mão direita, e o braço esquerdo sobre a perna esquerda, pensa. Vemos na charge, a partir do processo

⁹ Somos todos vândalos. Disponível em: <http://mateusbrandodesouza.blogspot.com.br/2013/06/somos-todos-vandalos.html>

¹⁰ Charge de Latuff, 2013, disponível em: <https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/black-bloc/>

metafórico de imagem por outra (COSTA, 2012), o pensador ser substituído pelo *black bloc*. De preto, máscara e coturno, numa mesma posição corporal, a diferença é que a mão esquerda parece brincar com uma pedra.

A charge também apresenta em sua formulação um enunciado que remete a outro: **Quebro logo existo!** que faz ressoar o dizer "Penso, logo existo!". Esse dizer bastante popularizado tem relação com a reflexão de Réne Descartes, para o qual a existência está submetida ao pensamento, existimos porque pensamos. Nesta perspectiva cartesiana, a existência está condicionada ao pensar, se distanciando de uma concepção de existência baseada na existência física, do corpo no mundo. É importante observar também que o título da charge faz referência a Descartes e ao *black bloc*, cuja palavra **versão** une **Descartes** e **Black Bloc Brasil**. Sendo seu modo de circulação, que é na rede, também marcado pela **#Charge**. A charge está na rede, num *website* de charge do cartunista Latuff. Por fazer parte de um arquivo na rede, pode ser encontrada por buscadores, acessada de diferentes maneiras.

Em relação ao funcionamento discursivo dessa charge, podemos dizer que estamos diante de um discurso que atualiza a memória ao jogar com a imagem do pensador e com o enunciado que aponta para o fato de que a existência prescindir do corpo, o sujeito só existe se pensar. Trata-se de uma versão que, nas palavras de Orlandi (2001: p. 13), refere-se a "direção, espaço significante, recorte do processo discursivo, gesto de interpretação, identificação e reconhecimento do sujeito e do sentido produzidos por uma formulação na relação com outras formulações possíveis, suas versões. Neste caso, a versão joga com a figura do *black bloc* textualizada no lugar do pensador, que se diferencia, sobretudo, porque tem consigo uma pedra. Essa versão, essa imagem é atravessada e, portanto, constituída pelo dizer **Quebro, logo existo!**, que ao ressoar o enunciado "Penso, logo existo", aponta para uma outra diferença, a substituição de **pensar** pelo verbo **quebrar**, acentuando por um lado, os discursos que criminalizam os *black blocs* à medida que os relacionam com o quebra-quebra, com a depredação, a partir do verbo quebrar, de maneira a reiterar que a existência deles é determinada pelo vandalismo.

Entretanto, esse processo discursivo é marcado pelo equívoco que irrompe desestabilizando as discursividades de criminalização uma vez que o impossível da linguagem alia-se à contradição. Isso porque o verbo quebrar, num funcionamento transitivo, diferente de pensar, intransitivo, reclama um complemento - quebrar o quê? -, possibilitando que outros sentidos se discursivizem. Dito de outro modo, conforme

Orlandi (2005: p. 77), é pelo "efeito da falha da língua inscrevendo-se na história" que outros sentidos podem vir à tona. O sentido de quebrar na charge está aberto, isso porque o cartunista joga com a polissemia do verbo quebrar, e ao fazer isso deixa brechas para outros sentidos do verbo, o que nos permite uma interrogação e algumas paráfrases. Que complemento reclama o verbo em primeira pessoa?

Quebro **uma vidraça**, logo existo!

Quebro **a regulação da manifestação**, logo existo!

Quebro **o sistema**, logo existo!

Quebro **o sistema político vigente**, logo existo!

Quebro **um sistema coercitivo**, logo existo!

Quebro **o Estado**, logo existo!

Essas paráfrases nos permitem observar o deslizamento de sentidos produzido pela reivindicação de um objeto direto. No sentido de quebrar da primeira paráfrase se ancora inicialmente o discurso da criminalização, esvaziando o sentido de manifestação e interditando o direito a ela. Porém, esse sentido desliza para romper com o discurso criminalizante, dando relevo a quebrar enquanto ruptura (romper, dividir, partir, despedaçar, dobrar, desobedecer, etc.).

Os *black blocs* quebram a necessidade histórica de nomear, de identificar, de se institucionalizar, de ceder ao Estado. Nessa direção, quebrar, enquanto ruptura, pode significar a resistência em relação ao próprio discurso da criminalização e a reiteração do sentido de romper com o próprio funcionamento da formação social capitalista. Para existir, a premissa é a de que os *black blocs* precisam quebrar. Efeito de sentido que faz furo no sentido de manifestação, dos movimentos sociais, ideologicamente constituídos, marcando um ritual com falhas.

Por fim, a partir desses três movimentos de análise que se sustentam por um laço de conectividade, mobilidade e manifestação, o que se pode dizer da sociedade e suas formas de organização (hierárquica, coercitiva, determinada por relações de força e de poder)?

Podemos dizer que os laços sociais que praticamos hoje têm sofrido uma profunda transformação. As nossas condições de sociabilidade e manifestação política são outras. Isso se dá em/por uma metaforização entre a cidade e a rede, que amplia

nossos encontros e, também, nossos desencontros, expande nossas fronteiras físicas e de comunicação, modifica a relação entre o individual, o privado e o público, impondo como modo de organização a conectividade e a mobilidade nos espaços.

Assim, poderíamos propor ainda outras paráfrases para a formulação “Quebro, logo existo”, fazendo significar outros sentidos, outros efeitos:

“Quebro, logo sou” - colocando em jogo os processos de identificação no movimento da contemporaneidade, determinados pela conectividade, podendo, com isso, deslizar ainda para “Je suis connecté, donc je suis” – “Eu sou/estou conectado, logo sou” - (cf. KRUSE e CARLSSON, 2004), em que a conexão não é uma substância, mas uma produção de sentidos, na historicidade das relações contemporâneas, de desencontros, de existência, de vida e de política no mundo.

Propondo ainda uma última paráfrase podemos trazer a resistência como modo de significação dos movimentos políticos das manifestações de rua/rede, dos “rolezinhos” nos shopping centers, dos *Black blocs* nos entremeios. Movimentos nas margens, na falha do Estado: “Quebro, logo resisto”, abrindo para outros modos de historicização do sentido.

Bibliografia

BARBAI, Marcos. A. Na tessitura do desastre: linguagem, acontecimento e o terremoto de 2011 no Japão. In: Dalla Ria, Albano; Motta, Ana Luiza Artiaga; Renzo, Ana Di; Moralis, Edielusa Gomes. (Orgs.). **Linguagem, Escrita e tecnologia**. Campinas: Pontes, 2013, v. 1, p. 195-210.

CARNEIRO, Henrique Soares. Apresentação: Rebeliões e ocupações de 2011. In: **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. HARVEY et al. (orgs) Trad. João Alexandre Peschanski et al. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

COSTA, Greciely Cristina. Discurso e Imagem: um corpo para a milícia. In: AZEVEDO, A. F. (Org.) **Sujeito, Corpo, Sentidos**. Curitiba: Appris, 2012.

DIAS, Cristiane. O ensino, a leitura e a escrita: sobre conectividade e mobilidade. In: **Entremeios**, Univas, vol. 9, jul/2014.

DIAS, Cristiane; COELHO, André. V de vinagre: a produção de imagens humorísticas sobre as manifestações brasileiras de 2013 nas redes sociais. In: PATTI, Ane Ribeiro et. al. (orgs.) **Textecendo discursos na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

DUPUIS-DERI, F. “Penser l'action directe des Black Blocs”. In: **Politix**, vol. 17, nº 68, 2004, pp. 79-109.

KRUSE, E. e CARLSSON, A. S. “Je suis connecté, doc je suis” – Le mobile dans la vie des adolescent. IN: KAPLAN, D. E LAFONT, H. **Mobilités.net** Villes, transports, technologies face aux nouvelles mobilités. Questions numériques. L. D.G.J., 2004, p. 149-150.

MARIANI, Bethânia Sampaio. C. O PCB e a imprensa: o imaginário sobre o pcb nos jornais. Campinas, EDITORA DA UNICAMP, 1998.

MIZUKO, I. DAISUKE, O. La rencontre augmentée. IN: KAPLAN, D. E LAFONT, H. **Mobilités.net** Villes, transports, technologies face aux nouvelles mobilités. Questions numériques. L. D.G.J., 2004, p. 162-166.

ORLANDI, Eni. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In. CARROZZA, Guilherme et. al. (orgs). **Sujeito, sociedade, sentidos**. Campinas, RG Editora, 2012.

ORLANDI, Eni. Formas de individuação do sujeito feminino e sociedade contemporânea: o caso da delinquência. In. ORLANDI, Eni (org.) Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso. Campinas: Editora RG, 2010.

ORLANDI, Eni. Maio de 1968: os silêncios da memória. In. **Papel da memória**. ACHARD, Pierre et al. (orgs). Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni. História das ideias x história de vida: entrevista com Eni Orlandi. **Fragmentum**, n. 7. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. PPGL. Laboratório Corpus, 2004. Entrevista a Amanda Scherer.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.) **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005.

PÊCHEUX, M.; GADET, G. **A língua inatingível**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

Para citar essa obra:

DIAS, C.; BARBAI, M. A.; COSTA, G. C. Movimentos da contemporaneidade: a rua, as redes e seus desencontros. In: **RUA** [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: #Charge – Descartes, versão @BlackBlocBRASIL. Disponível em:

<https://latuffcartoons.wordpress.com/2013/10/29/charge-descartes-versao-blackblocbrasil/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>